

Susana Correia

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

Um Mosaico de Odisseias: *Die Heimkehr* de Bernhard Schlink

[...]
Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

“Ulysses” in *Mensagem*, Fernando Pessoa¹

Remetendo para a chamada *Väterliteratur* que prosperou nos anos 70 e 80 na Alemanha, *Die Heimkehr* de Bernhard Schlink conta a história de um homem e da busca da figura paterna que surge nas páginas de um velho romance. É um livro composto, essencialmente, por diferentes variações de uma odisseia que aparecem ao leitor ora na forma de textos, ora na forma de estilos de vida, sendo constituído de histórias que por sua vez se compõem de referências a outras histórias e que irão, em última análise, todas reportar à *Odisseia* de Homero, a narrativa de regresso por excelência. Cada uma à sua maneira, estas pequenas histórias abordam temas prementes da sociedade alemã contemporânea, nomeadamente no contexto da Segunda Guerra Mundial, em retrospectiva, e da segunda geração, ou seja, a geração daqueles que nasceram e cresceram no período do pós-guerra. Será, pois, esta última questão que nos deterá neste ensaio.

¹ Fernando Pessoa, *Mensagem* (Lisboa: Babel, 2011).

A memória, enquanto um dos três sentidos internos, não pode ser geneticamente herdada. Contudo, segundo Bernhard Schlink², algo do trauma sofrido pelos pais pode passar para os filhos e mesmo para os netos, assim como a culpa, fazendo, noutro livro³, a ressalva de que é a solidariedade para com os perpetradores que aprisiona uma comunidade na sua vergonha e origina a culpa colectiva, uma vez que esta não passa de uma geração para outra de forma genética, mas sim por investimentos emocionais. Desta forma, os descendentes das vítimas e dos perpetradores assumem para si tanto a história como as suas consequências, através de uma identificação emocional e não de algo biologicamente transmissível. Em suma, as segundas gerações são afectadas pelos actos das primeiras, não apenas pelo conhecimento do passado através da História, mas maioritariamente pela identificação com os seus intervenientes, sejam eles vítimas ou perpetradores.

Apesar de ser a renovação de gerações que “marca o ritmo” e que, por isso, “a história está orientada de um modo descontínuo⁴,” a continuidade do tempo obriga também a um diálogo entre gerações, uma vez que as gerações posteriores não apagam o que as anteriores fizeram e devem aprender a viver com esse legado. Tanto os descendentes das vítimas como os dos perpetradores cresceram simultaneamente com a presença e a ausência da memória da *Shoah*, inscrevendo-se na história do grupo, normalmente familiar⁵. O silêncio que envolvia os crimes cometidos em nome do Nacional-Socialismo no período posterior à Segunda Guerra Mundial teve apenas o efeito de confundir ainda mais quem cresceu nesses silêncios.

Subvertendo o mito da *Odisseia*, *Die Heimkehr* conta a história de um rapaz que cresce entre a Alemanha, onde mora com a mãe, e a Suíça, onde moram os seus avós do lado do pai, Johann Debauer, dado

² Bernhard Schlink, *Guilt about the past* (Toronto: House of Anansi Press, 2009).

³ Bernhard Schlink, “Die Bewältigung von Vergangenheit durch Recht”, *Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2002), pp. 89-92.

⁴ Maria Zambrano, *Pessoa e Democracia*. Inês Andrade (trad.) (Lisboa: Fim de Século, 2003), p.43.

⁵ Erin McGlothlin, *Second Generation Holocaust Literature: Legacies of Survival and Perpetration* (Columbia: Camden House, 2006).

como morto durante a Segunda Guerra Mundial. Esta figura paternal é, ao mesmo tempo, explorada e desconhecida na infância de Peter. Este conhece apenas os seus traços mais joviais, pela parte dos avós, e quase nada pela parte da mãe, que sempre se remete ao silêncio no que respeita aos anos da guerra e mais ainda no que respeita ao seu ex-companheiro.

Para o desenvolvimento da narrativa e subsequente busca do pai, é importante referir que os avós eram editores de uma coleção de folhetins intitulada “Roman zur Freude und zur guten Unterhaltung”, os quais Peter estava proibido de ler, apesar de os seus cadernos escolares serem feitos do verso das provas destes últimos. No início da adolescência, Peter desobedece e começa a ler a história de Karl, um soldado alemão que no final da Segunda Guerra Mundial é capturado, regressando depois da sua prisão na Sibéria, de onde havia fugido com um pequeno grupo. Esta história segue o modelo do épico homérico, reapropriando-se dos seus elementos e reinserindo-os na contemporaneidade. Várias folhas estão perdidas, mas o conhecimento do modelo parece ser o suficiente para preencher as lacunas. Contudo, o final da história de Karl parece afastar-se drasticamente do modelo, não sendo possível delinear-lo através dessa referência. Peter inicia assim uma busca pelo autor do livro, numa tentativa obsessiva de descobrir o final da história com a qual se parece identificar.

Erin McGlothlin reflecte, a propósito do romance *Vati* de Peter Schneider: “From the very beginning of the narrative, we learn that reading and writing are characteristic of the son’s relationship to the father. In fact, the son’s engagement with the unknown father begins when he learns to read⁶.” É possível discernir pontos de contacto entre este comentário sobre *Vati* e *Die Heimkehr*; é apenas através da leitura que Peter começa, mesmo inconscientemente, a procura pelo elo desconhecido da sua identidade, isto é, o pai. Poderíamos acrescentar também que é apenas depois de transgredir as regras impostas pelos avós que, em última análise, reflectem também o tabu do pós-guerra, que Peter inicia a busca pela verdadeira história da sua família.

⁶ Erin McGlothlin, *Second-Generation Holocaust Literature: Legacies of Survival and Perpetration* (Nova Iorque: Camden House, 2006), p. 163.

Existe na busca empreendida pelo protagonista um desejo de linearidade narrativa, de um sentido com princípio, meio e fim: Peter, para além de tentar a todo o custo ligar as pontas da história de Karl e da do seu próprio pai, também busca uma narrativa para si. Na maioria das vezes esta conduta é inconsciente, mas torna-se deveras clara na sua tentativa de imitação das aventuras de Ulisses através de encontros sexuais com diversas mulheres que são por si identificadas com as várias personagens da epopeia de Homero. Contudo e como veremos mais à frente neste ensaio, por muito que expresse o seu desejo de ser Ulisses, Peter espelha a condição de Telémaco, filho do herói grego.

As histórias, segundo o psicólogo Gordon Wheeler⁷, são em si mesmas meios de regresso, funcionando como o Escudo de Perseu, possibilitando um regresso indirecto e altamente mediado que permite a não petrificação face ao terror do passado. Através da transposição e reapropriação da *Odisseia* de Homero para vários aspectos da vida quotidiana contemporânea, o protagonista Peter Debauer, de forma consciente e inconsciente, aproxima-se do passado colaboracionista do pai com a protecção oferecida pela ficção. Tema transversal à obra de Schlink, as interrogações da geração seguinte à guerra, à qual o autor também pertence, tomam aqui a forma de recuperação de uma tradição tanto literária como cultural para a (re)construção de uma identidade que se fragmentou. A própria forma da narrativa impulsora da busca de Peter insiste na impossibilidade de uma leitura completa, mesmo através de uma memória literária e cultural que tenta preencher as lacunas que o texto apresenta.

Reflectindo sobre o herói Ulisses e segundo Adorno e Horkheimer, a razão odisseica, fortemente ligada a questões de identidade, reprime a diferença e a singularidade, sendo o culto à razão apontado por estes dois pensadores como um dos responsáveis pela queda da civilização na barbárie, uma vez que, ao objectivar a Natureza com o intuito de a dominar, o Homem facilmente objectivaria outros seres humanos e os

⁷ Gordon Wheeler, “Translator’s Introduction”, Barbara Heimannsberg e Christoph J. Schmidt (eds.), *The Collective Silence: German Identity and the Legacy of Shame*. Cynthia Oudejans Harris e Gordon Wheeler (trad.) (São Francisco: Jossey-Bass, 1993), pp. xv-xxvii.

dominaria da mesma forma⁸. Deste modo, Ulisses é aqui visto na sua posição dominante, desconsiderando o direito do Outro, como é possível entender, por exemplo, no caso do ciclope Polifemo. Da mesma forma, a subversão do mito da *Odisseia* para contar as histórias de regressos de nazis ou dos seus filhos à terra natal dos pais não é um processo novo. Podemos vê-la em *Les Bienveillantes* de Jonathan Littell e nas referências que Irene Anhalt fornece no seu testemunho *Abschied von Meinem Vater*, para dar alguns exemplos. Considerado o herói que muito sofreu, assim relacionado com histórias de vitimização, Ulisses surge associado a narrativas de figuras do Nacional-Socialismo alemão que regressam depois da Segunda Guerra Mundial e do seu aprisionamento na Sibéria. A epopeia de Homero é portanto um material atractivo para uma Europa heterogénea do pós-guerra que tenta lidar com o seu passado de violência⁹, uma vez que a figura de Ulisses usufrui de uma ambiguidade que permite tanto a sua identificação com as vítimas de exílio como com os prisioneiros de guerra que regressam a suas casas.

É desta forma que Johann, o pai do protagonista, pode tomar em *Die Heimkehr* o lugar de Ulisses, o herói de mil ardis que muito sofreu, mas que não tem em consideração os sofrimentos que inflige aos outros¹⁰. Tal como o herói homérico, o ex-apoiante de Hitler apresenta-se como tendo mil artifícios. Johann Debauer aparece ao leitor sob vários nomes e identidades e como o autor de várias teorias de Direito, entre as quais a chamada Regra de Ferro que enuncia que temos o direito de infligir ao outro tudo o que estamos dispostos a suportar. O pai de Peter surge ainda como elemento destabilizador dos conceitos de bem e de mal, de certo e de errado, sendo a ambiguidade de Ulisses (ora identificado com as vítimas de exílio, ora com os perpetradores de grandes genocídios)

⁸ Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, “Odysseus or Myth and Enlightenment”, *Dialectic of Enlightenment*. John Cumming (trad.) (Londres e Nova Iorque: Verso, 1997), pp.43-80.

⁹ Edith Hall, *The Return of Ulysses: A Cultural History of Homer's Odyssey* (Londres: I.B. Tauris, 2012).

¹⁰ Ver, por exemplo, no livro de Edith Hall, o capítulo “Colonial Conflict”, no qual a autora analisa o episódio de Polifemo. Edith Hall, *The Return of Ulysses: A Cultural History of Homer's Odyssey* (Londres: I.B. Tauris, 2012)

enaltecida por John De Baur, uma das várias identidades assumidas por Johann Debauer.

Por outro lado, a identidade é construída a partir da memória, do passado, e ergue-se a partir tanto dos actos do indivíduo como da história que o precedeu e à qual está ligado através de processos de identificação, tanto ao nível nacional como ao nível familiar. A posição fragilizada das segundas gerações e da sua busca de identidade é apresentada em *Die Heimkehr* pela descoberta de que um dos elementos que mais nos definem em sociedade e que nos colocam no seio de uma família, ou seja, o nome, era falso. Peter descobre então que o seu apelido, Debauer, a única coisa que lhe resta como ligação ao pai, é falsificado, sendo o seu nome verdadeiro Peter Graff, o nome de solteira da mãe. É este episódio que, após o reconhecimento do pai precisamente pelo nome, volta a despoletar a busca de Peter desta vez não pelo autor de uma história de regresso, mas sim pelo seu pai.

Posição semelhante detém Telémaco, que viaja em busca de novas do pai numa tentativa de descobrir a verdade sobre a sua morte ou o seu paradeiro, pois, apenas assim, poderá o filho de Ulisses abraçar a sua própria identidade e tomar o seu lugar no trono de Ítaca. Para Telémaco, o importante não era ser apenas Telémaco, mas sim Telémaco, filho de Ulisses, filho de Laertes. No épico de Homero, Telémaco não poderia usufruir do *kleos* de Ulisses, seu pai, pois, como nos diz o texto,

Tal resposta deu à deusa o prudente Telémaco:

“Visto que me interrogas, estrangeiro, e informar-te procuras,

estive esta casa outrora para ser rica e honrada,

enquanto entre seu povo permanecia aquele homem.

Agora decidiram de outro modo os deuses desfavoráveis,

que invisível o fizeram, o mais invisível dentre os homens.

Pois pela sua morte não haveria eu tanto de me entristecer,

se com camaradas de armas em Tróia morresse,

ou nos braços de amigos, atados os fios da guerra.

Todos os Aqueus lhe teriam erguido um túmulo,

e teria para o seu filho enorme glória alcançado. (I, 230-240)¹¹

¹¹ Homero, *Odisseia*. Frederico Lourenço (trad.) (Lisboa: Cotovia, 2003).

De facto, mais do que preocupação sobre o regresso do pai, Telémaco receia pela sua identidade. Da mesma forma, tanto a nação como o indivíduo precisam de um fundamento, de um passado onde se enraíze e a partir do qual possa crescer; de outra forma, andarão para sempre à deriva, buscando uma identidade impossível de alcançar.

É assim que a nostalgia, essa dor do regresso tão característica do herói Ulisses, está também presente em *Die Heimkehr* e, num sentido mais abrangente, na própria relação da segunda geração da *Shoah* com a primeira. Segundo Svetlana Boym, a nostalgia é a saudade de uma casa que já não existe ou nunca existiu. É um sentimento de perda e deslocamento e, ao mesmo tempo, de fantasia e reconstrução utópica¹². Numa primeira análise, nostalgia parece ser assim a saudade de um local mas é de facto a saudade de outro tempo; uma revolta contra a concepção moderna de tempo e da sua irreversibilidade que amaldiçoa a condição humana. A nostalgia enquanto essa falta de um tempo e de um espaço que já não o são ou mesmo nunca o chegaram a ser reflecte-se especialmente no último parágrafo do romance em que Peter/Telémaco confessa:

Manchmal hab ich Sehnsucht nach dem Odysseus [...]. Aber ich weiß, daß es nicht die Sehnsucht nach Johann Debauer oder nach John De Baur ist. Es ist nur die Sehnsucht nach einem Bild, das ich mir von meinem Vater gemacht und an das ich mein Herz gehängt habe.¹³

No final, é da ficção que sente mais falta, pois a realidade não corresponde, nem nunca o poderia fazer, às expectativas formadas através da imaginação. O regresso aos locais do passado pessoal,

¹² Svetlana Boym, “Off-Modern Homecoming in Art and Theory”, Marianne Hirsch e Nancy K. Miller (eds.), *Rites of Return: Diaspora Poetics and the Politics of Memory* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2011), pp. 151-165.

¹³ Bernhard Schlink, *Die Heimkehr* (Zurique: Diogenes, 2008), p. 375. Tradução portuguesa: “Por vezes tenho saudades de Ulisses [...]. Mas eu sei que não é nenhuma saudade em relação a Johann Debauer ou a John De Baur. É apenas a saudade de uma imagem que eu concebi do meu pai e pela qual o meu coração sente afecto.” Bernhard Schlink, *O Regresso*. Fátima Freire de Andrade (trad.) (Lisboa e Porto: ASA, 2008), p. 314.

familiar ou mesmo nacional pode ser visto como uma esperança que o objecto se mantenha igual e que contenha em si a memória que permita a gestão e a compreensão dos acontecimentos e que de alguma forma ancore a identidade. As viagens de regresso não podem ser completas, uma vez que se dá inevitavelmente a quebra entre o sujeito e o objecto idealizado, deixando apenas uma sensação de alienação e estranhamento pela mudança de ambos. O regresso é assim um desejo impossível de ser realizado e o encontro de Peter com o pai é exemplo disso mesmo.

Ainda segundo Svetlana Boym, a nostalgia relaciona a biografia do indivíduo com a do grupo, enquanto a melancolia se restringe ao plano da consciência individual. Neste romance podemos discernir ambas. Assim e a par da nostalgia, atributo tão fortemente marcado em Ulisses, Peter espelha um certo estado de melancolia. A melancolia é definida por Sigmund Freud¹⁴ como um desânimo profundo que pode levar a uma quebra da auto-estima, levando a pensamentos de auto-recriminação e envilecimento e a uma expectativa punitiva. O luto, ainda segundo Freud, pode ter um término se o objecto desse pesar for conhecido, mas, pelo contrário, se o sujeito melancólico não conhecer esse objecto, então a resolução não pode ser alcançada. A posição alienada e fragilizada das segundas gerações toma aqui um peso considerável, pois mantém-se num território de ninguém, estando demasiado perto para não ser afectado pelos acontecimentos, mas demasiado longe para reagir.

É desta forma que a segunda geração da *Shoah* se coloca na posição de Telémaco, que busca a verdade sobre o passado para conseguir desprender-se, não da sua mutabilidade, mas do peso que este representa nas suas vidas e identidade, de forma a restaurar uma certa estabilidade no seu *oikos*. Ao tentar tornar a sua vida numa busca pelas origens, numa réplica da *Odisseia*, Peter impede-se a si mesmo de viver sem o fardo do passado. O desprendimento da imagem fantasiada que detém de um espaço e de um tempo permite uma dialéctica entre memória e

¹⁴ Sigmund Freud, "Mourning and Melancholia", *On the History of the Psycho-Analytic Movement: Papers on Metapsychology and Other Works*. James Stratchey, Anna Freud, Alix Stratchey e Alan Tyson (Trad.). The Standard Edition of the Complete Psychological works of Sigmund Freud, Vol. XIV (Londres: The Hogarth Press e The Institute of Psycho-Analysis, 1995), pp. 237-260.

esquecimento que é necessária não só para reconhecer a sua identidade mas também, ao mesmo tempo, não se deixar consumir pelo passado.

No final, a história de Karl, impulsionadora de toda a trama narrativa, é desprovida da sua importância e parcialmente esquecida. Peter empreendeu uma busca para encontrar o autor do livro que, no final de contas, acabou por se mostrar seu pai. Depois de saber a verdade e de clarificar a sua identidade, regressa à sua pátria, à sua casa, à sua mulher, sem haver um reconhecimento do filho por parte de Johann: não há reconciliação entre pai e filho, como na *Odisseia*. Assim como na história de Karl, também na de Peter a narração se afasta drasticamente do modelo, pois, segundo o protagonista: “wenn man bleiben will, muß man sich miteinander arrangieren, nicht miteinander abrechnen¹⁵.” A reconciliação entre pai e filho, entre objecto de nostalgia e o sujeito que regressa, é impossível, mas existe uma pacificação no reencontro que permite ao sujeito nostálgico retomar a sua própria narrativa.

Em *Die Heimkehr*, a *Odisseia* encontra-se imiscuída tanto nas aventuras de Karl como nas teorias e na história do Direito escritas por Johann e é sugada à força para a história de procura de Peter. É a narrativa de Homero, a história do regresso por excelência, que opera sobre a vida de Peter fazendo-o regressar às origens, isto é, ao pai e à pátria. Mais do que uma volta a si mesmo, há no romance uma tentativa de distanciamento do protagonista em relação ao pai, indicando uma esperança de uma nova ordem, na qual a *Shoah* não tem um papel predominante. Contudo, tal como Telémaco não pode ser Telémaco sem a referência ao pai, também os alemães da Segunda Geração não podem formar uma identidade sem a referência à geração da guerra. Podem porém lidar com o passado familiar e nacional de forma a não o tornar o único definidor da sua identidade enquanto alemães.

¹⁵ Bernhard Schlink, *Die Heimkehr* (Zurique: Diogenes, 2008), p. 206. Tradução portuguesa: “Quando se quer ficar, tem de encontrar uma solução de compromisso, e não ajustar contas.” Bernhard Schlink, *O Regresso*. Fátima Freire de Andrade (trad.) (Lisboa e Porto: ASA, 2008), p. 177.